
Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia

Antonia Brito Rodrigues*

Claudia Arcanjo Otaviano**

RESUMO

A ciência geográfica estuda o conjunto de fenômenos e formas de organizações num determinado espaço da superfície terrestre. Espaço onde a natureza e a dinâmica social se integram, marcam e definem paisagens. A organização deste espaço pressupõe não só um aprofundamento teórico, mas também um contato direto e investigador - observar, identificar, reconhecer, localizar, perceber, compreender e analisar o espaço geográfico e a dinâmica de sua organização - por meio do trabalho de campo. Por isso mesmo, pode-se dizer, que o trabalho de campo é um instrumento didático-pedagógico do ensino da ciência geográfica. Neste estudo destaca-se a importância desse recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem e apresenta-se um conjunto de orientações para o planejamento e desenvolvimento do trabalho de campo.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho de campo, procedimentos metodológicos, ensino de geografia

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A abordagem sobre trabalho de campo em seu sentido mais amplo, torna-se uma tarefa difícil, em virtude da escassa bibliografia existente, principalmente, em termos de literatura mais atualizada. A maioria dos estudos anteriores refere-se preferencialmente às técnicas utilizadas, sem mencionar questões relevantes a respeito do trabalho de campo, enquanto método de ensino. Normalmente questões como: percepção do aluno em relação a realidade, o conhecimento prévio dos conteúdos etc, são pouco debatidas, carecendo de uma discussão mais ampla, no sentido de valorizar este recurso nos níveis de ensino fundamental e médio, onde este método torna mais concreto os conteúdos aprendidos e apreendidos.

O trabalho de campo pode ser implementado desde as séries iniciais do ensino fundamental como recurso aos professores de Geografia, História, Ciências e outras disciplinas, partindo-se da idéia de produção

do conhecimento baseado na realidade e no cotidiano do aluno. A visão de mundo do aluno é incorporado ao processo de aprendizagem, que está associado a uma leitura crítica da realidade e ao estabelecimento da relação de unidade entre a teoria e prática. Conforme Tomita,

é importante que se estimule o educando a indagar o porquê das coisas para o mesmo não se conformar com a simples situação dos fatos, mas partir para uma análise criteriosa como uma visão crítica. (1999).

O contato com a realidade dará ao aluno uma nova dimensão dos assuntos tratados nas aulas o que, se bem programado e orientado, servirá entre as tantas finalidades, estimular o estudo articulado com as diferentes disciplinas.

Assim, e para melhor compreensão de certos conteúdos, os professores sentem muitas vezes que suas aulas poderiam se prolongar para além do espaço da sala de

* Professora Adjunta Visitante do Departamento de Geografia e Coordenadora Adjunta do Grupo de Estudos Ambientais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). e-mail: antonia@openlink.com.br

** Professora do Ensino Médio da Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro e Geógrafa do Grupo de Estudos Ambientais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). e-mail: caotaviano@hotmail.com

aula. A exemplo da Geografia, o estudo das paisagens, dos lugares, dos espaços urbanos, da degradação ambiental, tão falado e que normalmente chegam ao aluno através de uma imagem, uma gravura no livro didático, ou até mesmo a uma simples referência ao mesmo, deixando o aluno, construir mentalmente o significado de algo objetivo, mas que ele recria conforme a sua visão e experiências de mundo. É neste momento que a introdução da prática do trabalho de campo auxiliaria como um recurso complementar do processo de construção desses conhecimentos.

Portanto, o trabalho de campo como recurso didático é de primordial importância, porque oferece potencialidades formativas que devem ser levadas em conta no processo ensino-aprendizagem como uma das técnicas pedagógicas mais acessíveis e eficazes ao professor.

Este artigo tem por objetivo expor uma reflexão da importância do trabalho de campo nos segmentos de ensino e também proporcionar aos professores um conjunto de procedimentos metodológicos quanto a organização e realização do trabalho de campo e avaliação dos resultados nos processos cognitivos.

1. O TRABALHO DE CAMPO EM SUA ESSÊNCIA E IMPORTÂNCIA

Em um enfoque conceitual-pedagógico, considera-se que o trabalho de campo em sua forma e essência é um método relevante dentro do planejamento do ensino e ou em sua prática propriamente dita, visto que, há correspondência com objetivo proposto – faz com que o homem se relacione de forma mais adequada com o mundo da natureza e com o mundo da cultura.

Segundo Rays,

o método traz dentro de si a idéia de uma direção com a finalidade de alcançar um propósito, não se tratando, porém, de uma direção qualquer, mas daquela que leva de forma mais segura à consecução de um propósito estabelecido. (apud VEIGA, 1995)

Sob este ponto de vista, o trabalho de campo abarca o significado de método, porque é um caminho ou procedimento consciente, organizado racionalmente, com a finalidade de tornar o trabalho mais fácil e mais produtivo para o alcance de determinada meta.

Assim sendo, o método implica, pois, um processo ordenado e uma integração do pensamento e da ação, como também da reação (imprevisível), para execução de tudo aquilo que foi previamente planejado. A idéia de organização nele contida implica também o planejamento e o replanejamento (face ao aparecimento da reação) de procedimentos coerentes e coesos para seu desenvolvimento integral.

O trabalho de campo não pode ser de fato, apenas a oportunidade para romper com a rotina cotidiana da sala de aula. Vai além da vantagem de experimentar e integrar fora da sala com o meio ambiente, o trabalho de campo vale por si só ao representar “um dia diferente” fora da escola que motiva e excita os alunos a tal ponto que a adesão é total. Será sempre um dia fora do cotidiano que fica na memória do aluno. Lembrando Freinet, as crianças aprendem muito mais através da experimentação (tateio experimental) do que pelas explicações dos professores (1977).

No entanto, o trabalho de campo, a pesquisa de campo, a saída de campo, a excursão didática, outros termos mais, que designam o mesmo método, o de investigar, está além da proposta de técnicas variadas, mas também em conduzir o pesquisador, o aluno, o professor a descobrir, observar e entender de melhor maneira as formas e os processos sociais que ocorrem no espaço geográfico. Como afirma Sansolo:

Não nos negamos a observar os dados empíricos, ou estabelecer mensurações que nos indiquem a aproximação da realidade física ou social, entretanto nos propusemos a desenvolver os trabalhos de campo que ultrapasassem o caráter de confirmação ou negação de hipóteses. Entendemos que somente em campo podemos perceber aspectos subjetivos que compõem a complexidade. Através da intuição, das emoções e das características

individuais de cada participante de um trabalho de campo, é que surgirão componentes inesperados, mas que entretanto, poderão ser determinantes para a compreensão da realidade, especialmente quando estamos tratando de um trabalho de campo de caráter pedagógico (1996).

Numa outra perspectiva complementar, entende-se que neste caso, a relação pedagógica se reveste de uma nova dinâmica: o professor poder aproveitar para ser mais observador, mais ouvinte do comportamento dos seus alunos, um verdadeiro orientador e companheiro, e dar oportunidades para que a iniciativa parta deles, acabando então, com qualquer indício de comando na dinâmica de grupo. O aluno sente-se longe das quatro paredes da sala de aula, num outro ambiente, tornando-se mais espontâneo, mais ele mesmo. Também é a oportunidade rara para a observação das atitudes dos alunos. Será preciosa para o professor analisar e formular um melhor juízo de seus alunos que por vezes o professor pensa já conhecer muito bem.

2. AS ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS RELEVANTES PARA A ORGANIZAÇÃO DE UM TRABALHO DE CAMPO

Um trabalho de campo para ser significativo em termos de aprendizagem necessita ser preparado e realizado seguindo certos critérios. É certo que não há normas, mas há princípios de caráter geral que podem nos auxiliar no caminho de um bom planejamento. Trata-se de sugestões, não devendo ser entendidas como receita para qualquer tipo de turma: deve-se levar em conta as características específicas dos alunos e o nível escolar.

Por isso propomos este pequeno guia metodológico sobre trabalho de campo, tirados das experiências vivenciadas no cotidiano escolar, somados a algumas informações pesquisadas da bibliografia.

No planejamento de um trabalho de campo, considera-se três momentos fundamentais e imprescindíveis:

- a preparação
- a realização
- resultados/avaliação

Antes, porém, de abordarmos a análise de cada uma dessas etapas, é importante ressaltar que, embora trata-se de trabalho de campo de uma forma geral, os termos de referência neste guia são sempre da disciplina geografia, embora possa vir a servir para orientar os professores de outras disciplinas.

Outro fato, que de forma intencional, não se fixou num determinado e único grau de ensino ou num nível etário específico. O bom senso do professor saberá distinguir o que, destas considerações teóricas prévias, pode ser ou não, aplicável aos seus alunos.

Ao se pensar em adequar o trabalho de campo as temáticas do programa das diferentes disciplinas convém não esquecer que a mesma deve ser levada à prática antes dos últimos meses do 2º semestre, para que haja tempo de preparar a programação com antecedência. Vale lembrar que o trabalho de campo deve estar incluído na programação no início do ano letivo e inserido também de alguma forma ao tema central do projeto político pedagógico do estabelecimento de ensino.

A seguir, é relacionado um conjunto de orientações para serem postas em prática. O passo inicial é realizar uma ida ao local ou locais a estudar, antes da realização do trabalho de campo. Nunca se deve fazer um trabalho de campo sem que previamente o professor tenha feito um levantamento antecipado do lugar a se explorar. Não se admite que o professor desconheça determinados pormenores ou aspectos do local a ser estudado, pois poderão se constituir entraves para o bom desempenho da atividade, como por exemplo, os horários do local a visitar, no caso de uma indústria, museus, etc, ou os aspectos e características próprias de uma área de estudo. Em suma, o professor não pode ter um conhecimento incompleto do trabalho que vai coordenar, sob pena de estar em igualdade com os alunos e, por isso, não lhes poder dar os conhecimentos que eles, nestas situações, sempre solicitam.

a) Preparação da Prática de Trabalho de Campo – trata-se do momento essencial do trabalho de campo e nele pode ficar definitivamente decidido o sucesso ou insucesso de uma saída da escola. De fato, um bom planejamento pode evitar o fracasso de um trabalho de campo. Portanto, podemos definir passos que são fundamentais na organização geral desse recurso didático segundo as atividades descritas a seguir:

1º) Definir Objetivos

Como já dito, as excursões devem constar da programação escolar anual. Primeiramente deve-se traçar os objetivos que se quer alcançar. Analisa-se as temáticas que serão tratadas e planeja-se o que se espera obter com o trabalho de campo. Os tipos de objetivos que podem ser atingidos pelos alunos através do trabalho de campo depende, naturalmente, de uma série de fatores, nomeadamente o grau de ensino, a faixa etária, interesses e possibilidades dos alunos, o momento do processo de aprendizagem em que o trabalho de campo se insere e ainda o caráter da própria visita.

No entanto, de uma forma geral e desde que preparado com um mínimo de cuidado, um trabalho de campo tem sempre um caráter formativo importante, sobretudo no caso da chamada visita de “descoberta”. Esta pode propiciar ao aluno não só a aquisição ou aprofundamento, de uma forma significativa, de conhecimentos sobre conteúdos programáticos relacionados com a visita, como pode levar ainda ao desenvolvimento de hábitos e métodos de trabalho e ao enriquecimento harmonioso da personalidade do aluno. Assim, podemos considerar que, em condições ideais, um trabalho de campo permitirá ao aluno atingir os seguintes objetivos de caráter geral, conforme descritas no quadro.

Embora todos os objetivos gerais acima referidos possam teoricamente ser atingidos num trabalho de campo em que houve um planejamento prévio rigoroso, a verdade é que, em qualquer circunstância, deve o professor começar por definir aqueles que lhe parecem prioritários. Será em função dessa escolha que selecionará o local, traçará os objetivos específicos e preparará trabalho de campo. Esta será necessariamente diferente se o objetivo principal for, por exem-

Domínio cognitivo	Domínio das capacidades e competências	Domínio de valores e atitudes
Adquirir e consolidar conhecimentos específicos	Participar a capacidade de observação	Desenvolver o gosto pelo estudo e pela investigação pessoal
Despertar consciência do espaço vivido e construído	Adquirir técnicas de coleta e organização de diferentes tipos de informação	Desenvolver a criatividade e a sensibilidade estética
Despertar espírito crítico e investigador	Realizar trabalhos simples de pesquisa individual ou em grupo	Cooperar na realização de trabalhos em equipe
	Melhorar a expressão oral e escrita	Desenvolver a capacidade de percepção do ambiente
	Melhorar técnicas de expressão cartográfica explícitas	Desenvolver a sociabilidade
	Elaborar sínteses orais e escritas a partir da informação recolhida	Interessar-se pela preservação do património cultural ambiental
	Desenvolver capacidade no manuseio de bússola e instrumentos e coleta de amostras	Apreciar e valorizar a identidade cultural do seu lugar e região após

plo, a aquisição de conhecimentos sobre um tema determinado do programa ou for o desenvolvimento de métodos de pesquisa ou se pretender simplesmente, numa terceira hipótese, a melhoria do relacionamento aluno-aluno ou aluno-professor. Sendo o estudo fora de sala de aula tão rico e diversificado, aconselha-se aproveitar para buscar um ensaio a multidisciplinaridade, mesmo que na hora da avaliação seja privilegiado aquele objetivo específico do estudo de um tema escolhido.

Não é, pois, indiferente que a tônica dos objetivos incida no domínio dos conhecimentos, das capacidades ou dos valores. No caso de se privilegiarem os aspectos cognitivos, e antes de se definirem os objetivos específicos, é fundamental ter em conta o momento do processo de aprendizagem em que o estudo se integra e, logicamente, a função da mesma. De fato, o trabalho de campo pode destinar-se:

- a motivar o estudo de um tema (função da motivação)
- a estudá-lo através dos elementos observados durante a visita (função de informação)
- a completar o estudo desse tema (função de síntese)

2º) Escolha do Local

A escolha do local que será objeto de estudo do trabalho de campo deve ser cuidadosamente analisada. Não deve seguir o caminho da facilidade, escolhendo a visita que dá menos trabalho. Provavelmente seria completamente inútil. O professor deverá optar antes por aquela, que possui mais possibilidades formativas, e preferencialmente, tenha mais a ver com o programa e os conteúdos que os alunos estão estudando. Analisar a possibilidade de articular conhecimentos de outras disciplinas – visando a interdisciplinaridade. (Fazenda, 1991).

Em seguida, reunir as informações que puder sobre o assunto, tais como: mapas rodoviários, mapas hipsométricos, plantas, gráficos, reportagens etc.

Como mencionado anteriormente, é muito vantajosa uma visita prévia ao local

onde se faz pela primeira vez um trabalho de campo com os alunos, mesmo que ele já seja conhecido do professor.

Visto que, ao procurar ver, com os “olhos” dos alunos, um ecossistema ou um museu, fazemos por vezes descobertas bastante surpreendentes.

3º) Calendário

Um trabalho de campo está à princípio, integrado na planificação a médio ou longo prazo do trabalho escolar e, normalmente, pretende-se que coincida com o momento mais adequado do estudo de um determinado tema. Para que isso aconteça, o professor deve ter em mente as exigências e condições necessárias para se efetuar o trabalho de campo. Não deve esquecer que:

- na maior parte dos casos, necessita de autorização do departamento responsável da empresa, parque, museu, se houver visita técnica ou locais que são administrados pelo poder público, como por exemplo, uma área de proteção ambiental;
- essa autorização pode demorar algum tempo, pois necessita das formalidades necessárias (solicitação para a visita através de envio de ofícios) e o aguardo de resposta;
- para não ter problemas de outros professores marcarem a visita de estudo em datas próximas das suas, procure convidar alguns professores e todavia trabalhar um tema transversal, assim conectando os diferentes conteúdos das disciplinas que sairão em campo;
- como o trabalho de campo requer contrato de transporte, e às vezes, verba para custear diárias e hotéis, a sua obtenção mesmo sendo da própria escola, pode ser demorada;
- além dos tempos de aulas necessários ao trabalho de campo propriamente dito, é importante também pelo menos uma aula para sua preparação e de outra mais para sua análise e avaliação.

Contudo, deve ser analisada com o máximo de cuidado a data mais oportuna para uma visita e começar a prepará-la com a necessária antecedência.

4º) Os Recursos Materiais

Para a realização de um trabalho de campo será preciso, no mínimo, assegurar o transporte dos alunos entre a escola e o local da visita. Se a escola não puder fornecer as verbas necessárias, como no caso, das escolas públicas, haverá sempre a possibilidade de recorrer aos órgãos públicos locais como Ministério do Exército, a Polícia Militar ou a outras entidades públicas ou privadas, sobretudo quando o trabalho de campo é realizado fora da área metropolitana.

Ainda entre os recursos materiais, deve o professor assegurar-se de que poderá fornecer aos alunos as informações mínimas necessárias, quer através de cópias xerografadas de textos, quer folhetos impressos, eventualmente disponíveis, quando se trata de unidades de preservação ou patrimônio histórico, e ainda o mais importante, mapas ou cartas do local a estudar. Verificar se os alunos possuem máquinas fotográficas ou câmeras filmadoras e condições de comprarem filmes.

5º) A Busca da Interdisciplinaridade

Uma das características das nossas escolas de ensino fundamental e médio é a da grande fragmentação dos currículos, com as várias disciplinas completamente separadas umas das outras, quando não mesmo, em oposição. Todas as oportunidades são, por isto, boas para tentar derrubar barreiras entre as disciplinas, para ultrapassar a compartimentação de conhecimentos que tão contrária é ao objetivo fundamental de qualquer sistema de ensino: compreensão da realidade por meio de uma abordagem global, transversal e multidisciplinar¹.

O trabalho de campo pode ser uma excelente ocasião para tentar a cooperação com outros professores, com outras disciplinas². Pensar que seja possível uma verdadeira interdisciplinaridade será talvez utópico, pois esta exige uma interação e uma imbricação

entre as matérias que não pode ser apenas pontual. Em compensação será perfeitamente possível uma abordagem multidisciplinar, através da qual, diferentes disciplinas dêem sua perspectiva própria para o estudo de um tema concreto, relacionado com o objeto da excursão.

A colaboração mais óbvia será entre a disciplina de Geografia associar-se a História, Português, Ciências e Artes Plásticas. Em certos casos serão possíveis associações mais inesperadas, como a Matemática, Educação Física e Artes Cênicas. A cooperação com os trabalhos de oficinas pode ser muito proveitosa na fase de apresentação dos resultados dos trabalhos, assim como também o laboratório de informática para a montagem de uma excursão geográfica virtual³ para dar chance às séries que não participaram do estudo, possam ter acesso ao conteúdo e imagens da visita. Sempre que possível, as Línguas Estrangeiras aproveitarem a motivação de um trabalho de campo para o desenvolvimento da capacidade de expressão oral ou escrita no idioma respectivo. Em cada um dos itens que se seguem apresentaremos sugestões mais concretas de formas de abordagem.

6º) Contemplar Outros Aspectos Práticos

Depois de saber exatamente o que o levou a escolher determinada área de estudo e de dispor de meios para a sua realização há ainda uma série de aspectos práticos que o professor não deve descuidar. Vejamos os principais:

- Informar a coordenação e a direção da escola para enviar comunicado aos pais sobre dia, hora e objetivo da visita;
- Contatar por telefone, fax ou e-mail o departamento responsável da empresa, museu ou parque para marcar a data da visita e acertar se deseja uma visita guiada;
- Confirmar o transporte, assegurando-se de preços, itinerários e horários;
- Elaborar e reproduzir o material necessário para a visita é sempre importante e motivador a distribuição do material aos alunos com uma certa antecedência, de

textos complementares sobre a temática a ser abordada, de um programa de visita em que se indique o dia, a hora e o local da partida, itinerário, duração do trabalho de campo, material que o aluno deve levar e todos os esclarecimentos considerados necessários; nesse programa pode reservar-se um espaço para registrar a autorização dos pais;

- Informar a coordenação pedagógica da escola através do referido programa.

7º) Informar e Motivar os alunos

Os alunos devem ser bem informados dos objetivos do trabalho de campo, de como e quando decorrerão as atividades de preparação da visita propriamente dita e as posteriores atividades de análise e avaliação dos resultados.

Uma boa motivação será fundamental para o sucesso do trabalho de campo. Entre as várias motivações possíveis podemos citar: mapas e textos, quando possível uma sessão com projeção de slides ou vídeo sobre o assunto da visita, pode ser uma das mais eficazes e estimulantes. Há que fazer, no entanto, uma advertência, o professor deve limitar-se a mostrar uma ou duas imagens e fornecer um texto, procurando não cair na tentação de dar um volume de informações que, afinal, irá ser objeto real da visita. Esta passaria a ter um caráter meramente ilustrativo, necessariamente pouco motivador.

Uma importante ressalva é o da necessidade dos alunos possuírem maturidade suficiente para compreenderem o assunto proposto para a realização do trabalho de campo, portanto, atenção antes de traçar os objetivos.

b) Realização do Trabalho de Campo –para o sucesso na realização de um bom trabalho de campo, como já mencionado, é corolário de uma boa preparação prévia. Sem a preparação devida, o resultado é, quase sempre, o caos; com alunos excitados pela novidade da situação, brincadeiras de correrias de um lado por outro, indisciplina, gracejos inoportunos de uma realidade que nada percebem. Enquanto o professor, tentando evitar o

irremediável, faz apelos à autoridade ou põe em cena as suas melhores capacidades de comunicação, a que só correspondem, quando muito, a uns poucos alunos.

Um trabalho de campo conscientemente preparado decorre, de uma forma geral, sem problemas e revela-se um ato pedagógico com grandes potencialidades. Muitas variáveis (adequação do conteúdo ao nível de ensino, objetivos definidos, tipo de local, etc...) condicionam a forma que pode assumir um trabalho de campo, forma essa, que deverá ser opção do professor. Existem várias modalidades de trabalho de campo para o ensino da Geografia, sendo os mais utilizados: Visita Guiada ou Técnica; Excursão Didática Expositiva, de Observação, de Reconhecimento e de Descoberta.

Estas várias modalidades são passíveis de uma discussão, em relação ao seu caráter pedagógico, porém não cabe este enfoque no estudo em questão.

c) Análise dos Dados ou Informações Coletadas e Avaliação/Resultados do Trabalho de Campo – este é o momento de consolidar os conhecimentos adquiridos e de fazer um balanço dos aspectos negativos e positivos do trabalho de campo. É nessa hora que se distingue uma excursão com fins didáticos a um passeio com objetivo apenas de lazer. Para muitos professores um trabalho de campo termina no momento em que se desce do ônibus que lhes trouxe de volta para a escola. Será um desperdício deixar uma atividade tão rica sem finalização. Para tanto, as atividades subseqüentes de análise dos dados coletados e avaliação da saída são etapas imprescindíveis de uma ação pedagógica deste tipo. Estas atividades que podem ocupar um ou dois tempos de aula, devem ser feitas muito brevemente, de preferência, logo após a excursão ter ocorrido, isto é, a data ideal é o dia seguinte, quando as experiências vividas estão ainda presentes na memória dos alunos.

A forma mais simples de testar os conhecimentos adquiridos pelos alunos na excursão é aplicar um questionário sobre o tema estudado e articular com os conteúdos da disciplina naquele bimestre.

Um outro processo pode ser aquele em que os alunos distribuídos em grupos recapitem os resultados do seu trabalho, reunindo as anotações que fizeram, as plantas com os registros, o material que tenham eventualmente recolhido (amostra de rochas, postais, folhetos, desenhos), as fotografias tiradas ou filmes gravados, e assim, discutirão as conclusões que chegaram. Cada grupo apresentará uma síntese das suas conclusões, que poderá ter a forma de um pequeno relatório (oral e escrito), ou de um dossiê, ou de um painel ilustrado (que poderá vir a fazer parte de uma exposição da turma) ou mesmo, se houver recursos para isso, de uma montagem audiovisual.

Nas séries em que as faixas etárias são menores pode solicitar aos alunos que através de desenhos, pinturas, colagens, mapas, maquetes ou modelagens, recriem e apliquem conhecimentos adquiridos durante o trabalho de campo.

O papel do professor será fundamental nesta fase, cabe a ele fornecer as informações complementares necessárias e ajudar os alunos a extrair do seu trabalho conhecimentos organizados, conceitos e generalizações que possam ser integrados no programa que está sendo estudado. Deve ainda estar atento para analisar se houve ou não progressos na aquisição de habilidades e técnicas "transferíveis" para outros domínios do estudo.

Ainda deve-se preparar um formulário para que os alunos façam a avaliação da excursão. É também aconselhável uma auto-avaliação do professor e uma reflexão em comum de professor e alunos para se perguntarem; os procedimentos utilizados foram os melhores ou se necessita procurar outros? Os materiais distribuídos foram suficientes? Quais os aspectos mais positivos e mais negativos?

O professor poderá então ter ciência da relevância da prática didática que acabou de realizar e, através desse feedback, garantirá o êxito de futuras saídas de campo, cuja organização passará a ser progressivamente mais fácil e cada vez mais compensadora tanto do ponto de vista profissional como pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de campo é o prolongamento das aulas, uma atividade tão importante e, como tal, assim deve ser considerada no contexto específico da avaliação contínua.

No processo da construção do conhecimento é fundamental ressaltar o papel do docente. Ele não permanecerá acomodado somente na formação de novos conceitos e percepções antes colocará toda sua potencialidade a serviço da criatividade na realização do trabalho de campo.

O ensino dinâmico da Geografia com base na prática do trabalho de campo exigirá uma atualização constante do professor em relação aos conteúdos, de outro lado conduzirá os alunos a perceberem que os estudos em relação a esses conteúdos não é um conhecimento acabado. Pelo contrário, através deste recurso pedagógico este conhecimento é constantemente reativado e renovado.

NOTAS

- ¹ Uma série de disciplinas que são ensinadas simultaneamente, sem explicitar as possíveis relações entre elas.
- ² Uma visita de caráter multidisciplinar deve, naturalmente, promover a coordenação dos trabalhos entre os vários professores o que terá logo como vantagem inicial a possibilidade da divisão de tarefas indispensáveis.
- ³ A excursão geográfica virtual pode ser utilizada como forma de avaliação e veiculada como produto eletrônico no site do estabelecimento de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAZENDA, I. C. Interdisciplinaridade: Um Projeto em Parceria. São Paulo: Ed.

Loyola, 1991.

FREINET, C. O Método Natural. Lisboa: Estampa, 1977.

SANSOLO, D. G. A Importância do Trabalho de Campo no Ensino de Geografia e para a Educação Ambiental. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

TOMITA, L. M. S. Trabalho de Campo como instrumento de Ensino em Geografia. Geografia: Revista do Departamento de Geociências, Londrina, v.8, n.º.1, p.13-15, jan./jun.1999.

VEIGA, I. P (org.). Repensando a Didática. Rio de Janeiro: Papyrus, 1995.

Field Work Methodological Guideline in Geography

ABSTRACT

Geography science studies the set of phenomena and forms of organizations in a certain space of the terrestrial surface. Space where the nature and the social dynamics are integrated, they mark and define landscapes. The organization of this space supposes not only a theoretical deepening, but also a direct contact and investigating – to observe, identify, recognize, locate, perceive, to understand and to analyze the geographical space and the dynamics of its organizations – by means of the field work. Because of it one can say, that the field work is a didactic-pedagogic instrument of the geographical science teaching. In this study, its is outstanding the important of this pedagogic-resource in the teaching-learning process and its is present a set of guideline for the planning and development of the field work.

KEY-WORDS: Field Work, Methodological Procedure, Geography Teaching